

## 7. Considerações finais

A proposta da presente pesquisa consistiu em estudar como três jovens mulheres, Olímpia, Nádia e Flávia, que se identificam como mulheres bissexuais e participam do Grupo Arco-Íris, uma associação de ativismo e conscientização LGBT do Rio de Janeiro, constroem discursivo-performativamente suas identidades sexuais. Essas construções são analisadas em narrativas sobre o processo de sair do armário e *vis-à-vis* preconceitos e discriminações a fim de fazer algumas sugestões iniciais sobre estratégias para fomentar a aceitação das performances identitárias bissexuais e da diversidade sexual em geral dentro do Grupo Arco-Íris e nos movimentos LGBT.

As histórias de sair do armário como bissexuais das três ativistas eram compostas por várias narrativas de graus diferentes de complexidade, refletindo o fato de que sair do armário é um processo sempre inacabado e não algo que se faz uma vez só (ver Sedgwick 1990; Halperin 1995; Liang 1997; Wood 1997; Morrish e Sauntson 2007; Chambers 2009), por causa da heterossexualidade presumida que opera na sociedade atual e a homossexualidade presumida que opera nos âmbitos LGBT. Além de serem boas fontes para a análise de construções identitárias discursivo-performativas (Liang 1997; Wood 1997; Morrish e Sauntson 2007), nas histórias sobre o processo de sair do armário são articuladas posições ideológicas e expostos preconceitos, normas, relações de poder, sistemas de opressão nos quais são marginalizadas certas performances identitárias e práticas sexuais, etc. (Morrish e Sauntson 2007), e é negociada a inclusão social (Fenge, et. al. 2010) na categoria “bissexual” e como membros “válidos” do movimento LGBT.

Em relação aos estereótipos, preconceitos e discriminações contra as performances identitárias bissexuais, as agentes tendiam a falar em termos gerais sobre essas experiências ou de contar narrativas não-canônicas: descrições de situações hipotéticas baseadas em experiências passadas. Os preconceitos mencionados com mais frequência nas entrevistas entram em duas categorias principais: (1) o apagamento da bissexualidade, incluindo a negação completa da existência da bissexualidade, a insistência em classificar os indivíduos ou como heterossexuais ou como homossexuais e a ideia que a bissexualidade é somente uma fase transitória e (2) a super-sexualização das pessoas que se identificam

como bissexuais, incluindo a suposta necessidade de relações poliamorosas com homens e mulheres para a satisfação sexual, a promiscuidade, a infidelidade inevitável e a necessidade do falo da parte das mulheres que se identificam como bissexuais. A meu ver, é mister desconstruir e combater diretamente esses preconceitos bifóbicos, dada a ignorância geral sobre a bissexualidade e a tendência de temer o que não se entende, em vez que presumir, como sugeriram Garber ([1995] 1999) e Udis-Kessler (1991), que a bifobia seja simplesmente um sub-produto da homofobia que desaparecerá ou será facilmente eliminada quando a homofobia for erradicada.

### **7.1 Considerações sobre a fixidez/flexibilidade nas construções identitárias**

Nas narrativas sobre o processo de sair do armário das três agentes, a performance identitária bissexual tendia a ser construída como algo duradouro e estável, através do uso das táticas de intersubjetividade (Bucholtz e Hall 2003, 2004, 2005) de *autenticação*, a construção de uma identidade “real” e “genuína”, e *autorização*, a legitimação através de uma instituição, autoridade ou experiência, em depoimentos sobre experiências de sentir desejo por meninas, beijar meninas e/ou ter experiências sexuais com meninas desde a infância ou o início da adolescência. Olímpia, a única agente que não tinha tido relações afetivo-sexuais com uma menina, enfatizou explicitamente a importância de sentir desejo por meninas desde a infância, enquanto Nádia e Flávia se concentravam mais sobre a estabilidade do desejo e da afetividade para homens e mulheres desde as primeiras experiências sexuais e/ou afetivas com mulheres.

Nas narrativas e falas sobre preconceitos e discriminações, as agentes também tendiam a construir suas identidades como duradouras e estáveis através do uso de *autenticação* e *autorização*, neste caso, em resposta a *deslegitimações* das suas performances identitárias: a negação da existência da bissexualidade, a noção que a bissexualidade é somente uma fase transitória e a insistência em classificar os indivíduos em um dos extremos do binário heterossexual/homossexual.

De acordo com a posição anti-essencialista de Butler (1990, 1993), as identidades de gênero e sexualidade são constituídas no decorrer do tempo em/pelo que os indivíduos fazem e dizem repetidamente, assim assumindo uma

aparência de naturalidade. Portanto, as identidades não são expressões de alguma propriedade essencial e inata das pessoas; são construídas performativo-discursivamente e podem mudar (embora sejam limitadas por um sistema de restrições sociais, a matriz heteronormativa). Destarte, as agentes expuseram uma situação paradoxal: devem provar que suas performances identitárias bissexuais não são “só uma fase” e que a bissexualidade “realmente existe” para serem aceitas, mas assim reforçam a ideia de identidades fixas e estáveis que são expressões de uma essência bissexual interior. Olímpia, porém, conseguiu lidar com o apagamento da bissexualidade sem reforçar discursos essencializantes através da identificação e crítica de um padrão duplo: as pessoas que se identificam como heterossexuais ou homossexuais não têm que justificar suas performances identitárias, mas as pessoas que se identificam como bissexuais devem “provar sua bissexualidade”. Através desse depoimento de *adequação*, acrescentando as semelhanças (que deveriam haver) entre um indivíduo ser aceito como heterossexual ou homossexual e ser aceito como bissexual, Olímpia conseguiu defender as performances identitárias bissexuais sem reforçar discursos normativo-essencialistas.

## **7.2 Considerações sobre binários e definições das sexualidades nas construções identitárias**

Nas narrativas sobre o processo de sair do armário, as performances identitárias bissexuais das agentes tendiam a ser *autenticadas* e *autorizadas* através de contar experiências afetivo-sexuais com homens e mulheres. Nádia construiu uma definição explícita da bissexualidade como a capacidade de sentir afetividade e desejo por homens e mulheres, dizendo que não se considerava “realmente” bissexual, apesar de ter tido relações sexuais com meninos e meninas e de ter se apaixonado por um menino, até se apaixonar também por uma menina. As agentes se preocupavam mais com esclarecer e validar o desejo e a afetividade por mulheres do que por homens, refletindo a heterossexualidade presumida na sociedade e as expectativas homonormativas para histórias de sair do armário. Porém, apesar de se concentrarem sobre mulheres, havia uma divisão nítida nas suas narrativas entre esses “dois tipos” de relações, reforçando o binário homem/mulher e a definição da sexualidade com base no sexo/gênero do objeto de desejo.

De modo semelhante, nas narrativas e falas sobre preconceitos e discriminações, as agentes tendiam a responder a *deslegitimações* das suas performances identitárias, particularmente a negação da existência da bissexualidade e as tentativas de classificá-las ou como heterossexuais ou como homossexuais, através da insistência em experiências afetivo-sexuais com “ambos os sexos”, *autenticando* e *autorizando* a bissexualidade. Para responder a preconceitos super-sexualizantes, particularmente a ideia que indivíduos que se identificam como bissexuais são pessoas promíscuas e infiéis que precisam de relações poliamorosas com homens e mulheres para estarem sexualmente satisfeitas, as agentes tendiam a construir performances identitárias de bissexuais sérias, monógamas e/ou seletivas, insistindo na satisfação sexual com somente um/a parceiro/a e com “só um dos sexos”.

Consoante Butler (1990), não há somente dois sexos e dois gêneros, embora pareça assim por causa da naturalização do binário exclusivo homem/mulher e embora o gênero não seja simplesmente a expressão sócio-cultural do sexo. O gênero e o sexo são construções performativo-discursivas, não fatos naturais ou reais. Adicionalmente, embora as categorias de sexualidade que usamos hoje em dia nos pareçam fatos naturais, a definição das sexualidades com base no sexo/gênero do objeto de desejo é uma invenção do século XIX (Sullivan 2003; Louro 2004). Apesar da construção da categoria da bissexualidade, os extremos do binário heterossexual/homossexual têm se consolidado em dois grandes blocos identitários (Mengel 2009), um fenômeno frequentemente reforçado pela retórica do movimento LGBT (Eadie [1993] 1999). Isso resulta na exclusão e invisibilização de outras possibilidades, resultando em pressões para as pessoas que se identificam ou são identificadas como bissexuais se encaixarem em um dos lados do binário heterossexual/homossexual (Eadie [1993] 1999; Garber [1995] 1999; Mengel 2009).

As agentes notaram a propensão de outras pessoas tentarem classificá-las ou como heterossexuais ou como homossexuais, negando a “existência” da bissexualidade. Nádia observou a tendência de as pessoas que se identificam como bissexuais serem classificadas como homossexuais quando em relações com pessoas do “mesmo” sexo/gênero e como heterossexuais quando em relações com pessoas do sexo/gênero “oposto”. Ela observou também o

fenômeno da homossexualidade presumida que opera dentro do movimento LGBT, e explicou que insiste em se assumir publicamente como bissexual para evitar ser classificada como lésbica. Nádia usa esta estratégia também para combater o preconceito da “desconfiabilidade” das pessoas que se identificam como bissexuais: em uma relação circular, as pessoas que se identificam como bissexuais frequentemente se deixam *passar* por homossexuais no movimento LGBT para evitar discriminações, porém, ao se assumirem ou serem “reveladas” como bissexuais mais tarde, aumenta a tendência de desconfiar delas e discriminá-las. Nádia não problematizou, porém, que o fato de sair do armário assim não seja necessariamente transformativo em si mesmo e que a identidade declarada publicamente não é sem ambiguidade (Sullivan 2003), particularmente na interpretação de ativistas que não entendem a(s) bissexualidade(s) ou não acreditam mesmo na sua “existência”.

Em relação ao apagamento da bissexualidade, as agentes expuseram outra situação paradoxal: devem provar que gostam de “ambos os sexos” e que a bissexualidade “realmente existe” para justificar suas performances identitárias bissexuais e abrir espaço para essas performances no binário heterossexual/homossexual, mas assim reforçam o binário homem/mulher e a definição da sexualidade com base no sexo/gênero do objeto de desejo. Flávia, porém, abriu uma oportunidade para desconstruir e desestabilizar o binário homem/mulher e essa definição da sexualidade. Ao questionar se podia ser considerada lésbica apesar de relacionar-se com uma mulher com uma estilização corporal “masculinizada” que a penetrava com um falo prostético durante as relações sexuais, seu depoimento mostrou que é um problema definir a sexualidade com base no sexo/gênero do/a parceiro/a porque as performances de gênero não se encaixam totalmente nos dois extremos do binário homem/mulher. Portanto, a sexualidade como tende a ser definida e categorizada hoje na verdade não pode se encaixar nem dentro do binário heterossexualidade/homossexualidade, nem dentro da tríade heterossexualidade-bissexualidade-homossexualidade.

### 7.3 Considerações sobre a inclusão ou exclusão de possibilidades da diversidade sexual nas construções identitárias

As construções identitárias performativo-discursivas das três agentes também tiveram efeitos que excluía ou abriam espaço para outras possibilidades da diversidade sexual. Ao definir a bissexualidade como a capacidade de sentir desejo e afetividade por homens e mulheres, Nádia conseguiu combater os preconceitos que apagam a “existência” da bissexualidade. Porém, além de reforçar o binário homem/mulher e a ideia da sexualidade definida com base no sexo/gênero do/a parceiro/a, também excluiu outras possibilidades da sexualidade, por exemplo, pessoas que se identificam como bissexuais e sentem desejo por “ambos os sexos” mas afetividade por “só um”, pessoas que preferem performances transgêneras, etc.

Nádia também insistia em construir uma performance identitária de bissexual monógama, falando não somente sobre sua própria performance identitária, mas generalizando sobre todas as pessoas que se identificam como bissexuais. Dessa maneira, ela conseguiu combater preconceitos sobre a suposta promiscuidade e necessidade de relações com homens e mulheres para a satisfação sexual. Porém, também excluiu outra possibilidade da diversidade sexual: a possibilidade de haver pessoas que se identificam como bissexuais que de fato preferem se relacionar sempre com homens e mulheres. Adicionalmente, ela ignorou possibilidades como preferências para performances transgêneras. No entanto, esse depoimento também pode ser visto como uma estratégia política para combater certos preconceitos, dado que insistiu na monogamia durante a entrevista, mas tem uma espécie de relação aberta nas suas práticas fora do âmbito da entrevista.

Olímpia reconheceu explicitamente tais possibilidades para outras preferências, construindo as categorias de “trisssexual” e “quadrissexual” para contemplar desejo e afetividade para outras performances de gênero como transexuais e intersexuais. Por um lado, este depoimento mostrou os limites das categorias “heterossexual”, “homossexual” e “bissexual” e desestabilizou simultaneamente os binários heterossexual/homossexual e homem/mulher. Por outro lado, reforçou a noção da sexualidade definida com base no sexo/gênero do objeto de desejo, posicionando pessoas transexuais e intersexuais como outros gêneros e construindo outras categorias de sexualidade para falar de quem tenha

preferências afetivo-sexuais para essas performances de gênero. Porém, Olímpia conseguiu abrir a possibilidade de reconhecer outras formas da diversidade sexual.

As agentes também abriram outras possibilidades para reconhecer a diversidade sexual ao comentar a variedade das práticas sexuais. Ao se questionar se podia ser considerada bissexual ou lésbica dado que realizava exclusivamente práticas sexuais de penetração com um dildo com a sua parceira, Flávia expôs a conexão ideológica entre a penetração de uma vagina com um falo (prostético) e a heterossexualidade. Nádia também falou desta associação falo-heterossexualidade em uma narrativa sobre os receios da sua parceira de experimentar com um falo prostético e o preconceito da mulher que se identifica como bissexual supostamente precisar do falo para estar sexualmente satisfeita. No seu depoimento, separou o desejo de penetração com um dildo nas práticas sexuais com uma mulher do desejo de penetração com um pênis nas práticas sexuais com um homem. Desta maneira, foi *deslegitimada* a interpretação do desejo de usar um dildo como um desejo por um homem. Nádia desconstruiu essa associação ideológica entre o desejo de usar um falo (prostético) e o desejo por homem e a ideia que mulher + homem/falo = heterossexualidade, abrindo outras possibilidades de considerar a diversidade sexual e das práticas sexuais. Podemos repensar o uso do dildo como uma preferência por certas práticas sexuais além do sexo/gênero do/a parceiro/a (Bornstein [1994] 1995) como um ato contrassexual que subverte e parodia os binários de homem/mulher e heterossexual/homossexual (Preciado [2000] 2011).

#### **7.4 Algumas propostas iniciais para abrir espaço para as performances identitárias bissexuais e a diversidade sexual**

Um aspecto importante da presente pesquisa é o compromisso ético e de ação política com as agentes entrevistadas: de lhes levar de volta as descobertas da análise para propor, em diálogo com elas, estratégias para combater os preconceitos e discriminações contra as pessoas que se identificam como bissexuais dentro do Grupo Arco-Íris. Esse compromisso de diálogo contínuo (Rajagopalan 2003) e de fazer pesquisa *com* e não somente *sobre* as agentes (Moita Lopes 1998) é importante para evitar impor “soluções” que provoquem sofrimento por não dar conta de suas preocupações e necessidades, seus

conhecimentos e práticas situados, etc. (Moita Lopes 1998, 2006). Destarte, proponho as seguintes considerações *iniciais* sobre como fomentar a aceitação das performances identitárias bissexuais dentro do Grupo Arco-Íris, tentando dar conta das opiniões, preocupações, etc. elaboradas durante as entrevistas, as observações etnográficas e as contextualizações etnográfico-históricas sobre o funcionamento do grupo. O passo seguinte, a ser realizado e estudado durante a pesquisa do doutorado, será discutir os resultados com as agentes, modificando essas propostas iniciais *com* elas.

Nos primeiros anos de atuação do Grupo Arco-Íris, houve uma falta de participação de mulheres, principalmente porque sentiam que o grupo se concentrava sobre questões relacionadas à homossexualidade masculina e não problematizavam diferenças que afetavam as mulheres (Andrade 2002)<sup>1</sup>. Hoje em dia o grupo tem superado este problema, particularmente através da criação do subgrupo de mulheres chamado Laços e Acasos. Embora o grupo tenha sido criado para mulheres que se identificam como lésbicas e bissexuais, na prática há pouca participação de mulheres que se identificam publicamente como bissexuais. Levando em consideração que a estratégia de criar um subgrupo de mulheres tinha funcionado no passado para fomentar sua participação no Grupo Arco-Íris, considere a possibilidade de criar um subgrupo especificamente para pessoas que se identificam como bissexuais. Epistemólogos/as bissexuais têm tido reações diversas em relação a tais ideias. Eadie ([1993] 1999) apóia a criação de tais grupos por seu potencial de criar espaços nos quais as pessoas que se identificam como bissexuais se sintam seguras e não-discriminadas. Däumer ([1992] 1999) reconhece esse potencial para o bem estar psicológico das pessoas que se identificam como bissexuais, mas teme a simplificação das implicações sócio-políticas da bissexualidade ao legitimá-la como uma “terceira orientação sexual”. Prabhudas ([1996] 1999) reconhece as vantagens de grupos separados, mas insiste que devem ser só uma medida em curto prazo para não criar problemas de guetização em longo prazo. Finalmente, Ault ([1996] 1999) se coloca fortemente contra a criação de subgrupos, considerando-os um caminho

---

<sup>1</sup> Este fenômeno é parecido ao que aconteceu em outros países, particularmente nos EUA (ver Barnard 2004): os grupos de ativistas tendiam a se concentrar sobre uma identidade coletiva de homem gay, particularmente de homem gay branco, cristão, de classe média, afastando pessoas que se identificavam como lésbicas, homens gays de cor, ativistas das classes trabalhadoras, etc.



direto para o essencialismo que reforça a definição da sexualidade com base no sexo/gênero do/a parceiro/a e mina o potencial subversivo da bissexualidade.

Quando mencionei a possibilidade de criar um subgrupo para pessoas que se identificam como bissexuais a Nádia durante a sua entrevista, ela se posicionou contra essa estratégia. Ela temia que o preconceito de a bissexualidade ser “só uma fase” fosse reforçado por pessoas entrando no subgrupo e saindo pouco depois, se assumindo como gays ou lésbicas; ou seja, que o grupo tivesse o efeito de *deslegitimar* a bissexualidade em vez de *autorizá-la*. Seu depoimento está relacionado a uma questão interessante não levantada pelos/as epistemólogos/as bissexuais: insistir em desconstruir a suposta fixidez e estabilidade da sexualidade *no contexto de discutir a bissexualidade* possa resultar na ligação da noção da fluidez unicamente à bissexualidade e não às sexualidades em geral.

Eu gostaria de continuar discutindo com as três agentes as vantagens e desvantagens de criar um subgrupo de pessoas que se identificam como bissexuais dentro do Grupo Arco-Íris. Porém, levando em consideração as preocupações de Nádia e o fato de o subgrupo Laços e Acasos ter tido bastante sucesso no passado em fazer grupos de discussão e oficinas para desconstruir estereótipos e mitos sobre outros temas (particularmente os que estão relacionados à saúde sexual das mulheres que têm relações sexuais com mulheres), aqui proponho continuar com essa estratégia de desconstrução dentro do Laços e Acasos em vez de criar um grupo separado. Proponho conjugar discussões sobre os preconceitos relacionados ao apagamento e à supersexualização da bissexualidade, levantados pelas agentes nas entrevistas, com desconstruções das noções de identidade e sexualidade, com base na(s) Teoria(s) *Queer*, as Epistemologias Bissexuais e o sócio-construcionismo. Em tais discussões desconstrutivas, poderemos nos concentrar sobre as descobertas da análise frisadas nas três seções anteriores dessas considerações finais. Proponho, durante grupos de discussão e oficinas do Laços e Acasos:

- (1) discutir a situação paradoxal de as agentes terem que provar que a bissexualidade não é “só uma fase” para suas performances identitárias bissexuais serem aceitas, mas assim reforçarem noções essencialistas sobre identidades. Para lidar com isso no grupo podemos:

- a. desconstruir a noção de identidades fixas e estáveis que são expressões de uma essência interior.
- b. frisar o depoimento de Olímpia sobre o padrão duplo das performances identitárias heterossexuais ou homossexuais serem automaticamente aceitas, mas as pessoas que se identificam como bissexuais terem que provar a “existência” da bissexualidade. Esse depoimento pode funcionar como uma estratégia discursiva que combate preconceitos sem reforçar discursos normativo-essencialistas.

(2A) discutir o padrão-duplo de as pessoas que se identificam como bissexuais só serem toleradas nos movimentos LGBT quando expressam desejos e afetividades vistas como “homossexuais” e a tendência de classificá-las como “homossexuais” quando têm um/a parceiro/a do “mesmo” sexo/gênero e como “heterossexuais” quando têm um/a parceira do sexo/gênero “oposto”. Para lidar com isso no grupo podemos:

- a. desconstruir o binário heterossexual/homossexual e a visão da bissexualidade como uma “combinação” de “práticas heterossexuais e homossexuais”.
- b. discutir a estratégia de Nádia de se assumir abertamente como bissexual e evitar *passar* por homossexual dentro do movimento LGBT, vinculando essa estratégia a discussões sobre a bissexualidade para não presumir que os atos performativos de sair do armário sejam transformativos em si (Sullivan 2003).

(2B) discutir a outra situação paradoxal de as agentes terem que provar que gostam de “ambos os sexos” para justificar suas performances identitárias bissexuais, mas também terem que mostrar que são capazes de monogamia com “só um dos sexos” para não serem vistas como promíscuas. Em ambos os casos são reforçados o binário homem/mulher e a definição da sexualidade com base no sexo/gênero do objeto de desejo. Para lidar com isso no grupo, podemos:

- a. desnaturalizar as categorias de sexualidade que usamos hoje em dia através de desconstruções butlereanas (Butler 1990, 1993), de demonstrações via o sócio-construcionismo que a definição das sexualidades com base no sexo/gênero do objeto de desejo é uma

invenção do século XIX (Sullivan 2003; Louro 2004) e de outros modelos (por exemplo, o modelo baseado em preferências para certas práticas sexuais além do sexo/gênero do/a(s) parceiro/a(s) em Bornstein [1994] 1995).

- b. discutir o depoimento de Flávia sobre relações com uma mulher com uma estilização corporal “masculinizada” e as práticas sexuais com um dildo para frisar que a definição da sexualidade com base em desejos relacionado a só dois sexos/gêneros e as categorias de sexualidade que usamos não dão conta da infinita diversidade de performances de gênero, práticas sexuais, preferências, desejos, etc.
- (3) discutir como combater os preconceitos e fomentar a aceitação da bissexualidade sem excluir outras formas da diversidade sexual através de:
- a. desconstruir noções de monogamia e traição para abrir espaço para a legitimação e aceitação de possibilidades como a de pessoas bissexuais que de fato preferem ter múltiplos/as parceiros/as para a satisfação sexual e/ou afetiva.
  - b. discutir possibilidades para além dos extremos do binário homem/mulher como a da preferência afetivo-sexual para performances transgêneras frisada no depoimento de Olímpia sobre a “trisssexualidade” e a “quadrissexualidade”.
  - c. mostrar a diversidade das práticas sexuais, por exemplo frisando o depoimento de Nádia no qual desconstrói a associação ideológica entre a penetração de uma vagina com um falo (prostético) e a heterossexualidade.

A insistência em vincular esforços para legitimar e fomentar a aceitação de pessoas que se rotulam como bissexuais, através de processos de desconstrução dos preconceitos, das noções sobre identidades e das compreensões contemporâneas das sexualidades, cria uma interseção entre as políticas identitárias LGBT, a(s) Teoria(s) *Queer* e as Epistemologias Bissexuais. Essa combinação de análise, desconstrução, crítica e ação política para combater as marginalizações está relacionada ao que Spivak ([1985] 1996) denomina “essencialismo estratégico” ou o que Kirsch (2000) chama de uma “política radical”. Com isso cria-se a possibilidade de aproveitar as mudanças sócio-

políticas que o uso dos rótulos e das categorias identitárias pode trazer, evitando (re)produzir noções essencialistas sobre as identidades, homogeneizar todos os sujeitos que se unem sob o mesmo rótulo por motivos políticos, e (re)produzir categorias rígidas.

### 7.5 Relevância e contribuição da pesquisa

Através de análises das construções identitárias nas narrativas de três ativistas LGBT que se identificam como bissexuais sobre o processo de sair do armário e sobre estereótipos, preconceitos e discriminações, esta pesquisa visava a (começar a) preencher a falta de estudos aprofundados sobre a bissexualidade, particularmente nas Ciências Sociais e nos Estudos *Queer* (Angelides 2001, 2006; Baker 2008; Breno e Galupo 2009). Visava também a combater os problemas de estigmatização e marginalização das performances identitárias bissexuais dentro do Grupo Arco-Íris e o movimento LGBT, usando a análise para propor estratégias para fomentar a aceitação da bissexualidade e da diversidade sexual. Essas estratégias, já envisionadas tentando dar conta das preocupações, necessidades, e conhecimentos situados, serão desenvolvidas *com* as agentes entrevistadas (Moita Lopes 1998, 2006), como parte do compromisso ético da pesquisa (e do projeto doutoral). Para o futuro, recomendo também abordar as construções identitárias performativo-discursivas de pessoas que se identificam como *homens* bissexuais, *transsexuais* bissexuais, etc. e desenvolver uma análise mais interseccional das construções identitárias das pessoas entrevistadas.

Na presente pesquisa, me concentrei sobre a(s) bissexualidade(s) e o que elas podem *fazer*, usando-a(s) como um ponto de partida para desconstruir binários normativos (homem/mulher, heterossexual/homossexual, masculino/feminino, etc.) e a definição da sexualidade baseada no sexo/gênero do objeto de desejo e para visibilizar a diversidade sexual (práticas sexuais, desejos, afetividades, etc.). Tucker observou: “a linguagem é poderosa, e inclusive quem não escolher o rótulo ‘bissexual’ tem a responsabilidade de garantir que o mundo seja um lugar seguro para quem o usa” (1995: 4). Ao conjugar as políticas identitárias LGBT com processos de desconstrução das categorias, visões da sexualidade, etc., espero evitar (re)produzir categorias rígidas e excludentes, fomentando a aceitação de quem quiser usar o rótulo “bissexual” e da diversidade

sexual em geral. Destarte, espera-se que esta pesquisa possa ajudar a criar uma vida mais vivível não somente para os/as ativistas que se identificam como bissexuais, mas para qualquer ativista que faça uma performance identitária que não se encaixe nitidamente dentro das categorias identitárias prevalentes.